

Atena
Editora
Ano 2021

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

Edwaldo Costa
(Organizador)

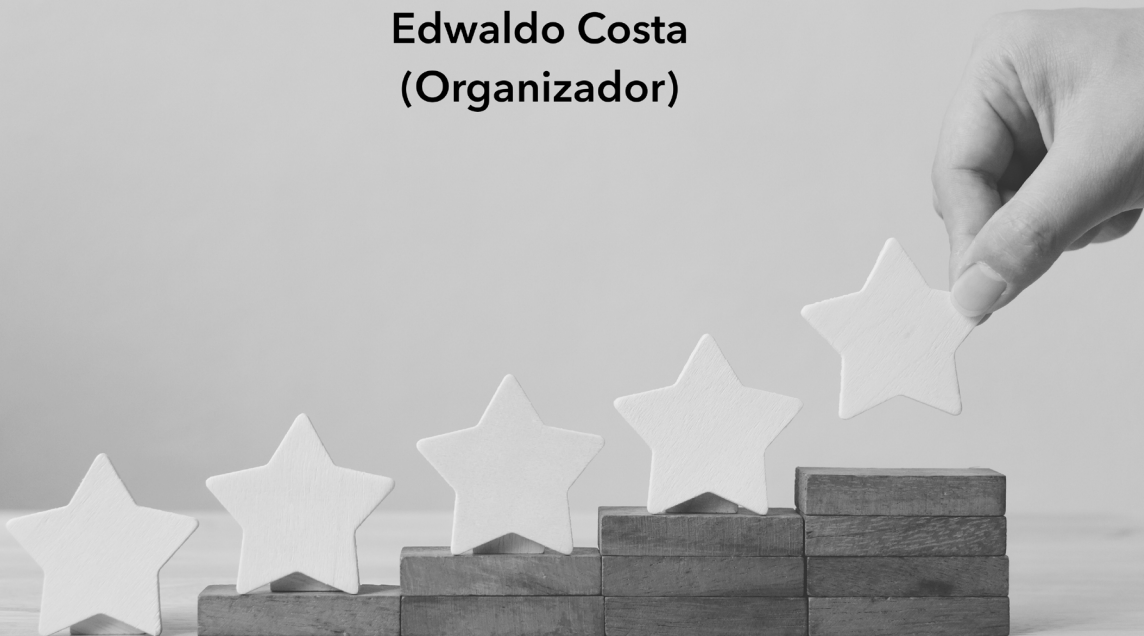


Atena
Editora
Ano 2021

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

Edwaldo Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências da comunicação: chave para a ascensão em organizações e relacionamentos

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências da comunicação: chave para a ascensão em organizações e relacionamentos / Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-109-8
DOI 10.22533/at.ed.098212605

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Comunicação, mais especificamente sobre a atividade de partilhar informações como alicerce da vida em sociedade. Os textos que o compõem são reflexões que visam compreender os contornos que a Comunicação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos comunicacionais produzem na contemporaneidade. Neste e-book apresentamos 14 capítulos de 30 pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Os capítulos analisam uma pluralidade de questões, apresentando problemas de pesquisas que abrangem: as práticas comunicativas de brasileiros e venezuelanos interiorizados pela Operação Acolhida; a compreensão de como publicações realizadas no Twitter conseguem agendar o jornal A Folha de São Paulo em sua versão online; narrativas humanizadas em redes sociais; comunicação científica visual; as representações de Michel Temer em Carta Capital; análise da comunicação televisual; identidade no espaço midiático; arquiteturas do digital e suas tendências antropomórficas; software para garantir uma cidade acessível; desenvolvimento das capacidades comunicativas; estudantes na sociedade do conhecimento; preservação do patrimônio histórico e da memória cultural da Bahia; coordenação motora de crianças em vários ambientes de formação pública; etnofotografia como metalinguagem; empresa júnior e formação integrada. Como já mencionado, trata-se de uma obra transdisciplinar.

Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÃO VISUAL DE IDOSOS PELA PUBLICIDADE DIGITAL DE NOVE MARCAS	
Tiemy da Silva Moura	
Sandra Maria Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0982126051	
CAPÍTULO 2	16
COMUNICAÇÃO INTERNA E GESTÃO DE PESSOAS: ESTRATÉGIAS POR TRÁS DO SUCESSO DAS BATERIAS MOURA	
Bianca Johanny dos Santos Lima Assunção	
DOI 10.22533/at.ed.0982126052	
CAPÍTULO 3	29
CONECTAR X DESCONECTAR: EFEITOS DE SENTIDO EM DISCURSO PUBLICITÁRIO	
Lisiane Alcaria de Oliveira	
Ahiranie Sales dos Santos Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.0982126053	
CAPÍTULO 4	43
DESPEDIDAS À FLOR DA TELA: MEMÓRIAS DOS USUÁRIOS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	
Robson Fonseca Simões	
DOI 10.22533/at.ed.0982126054	
CAPÍTULO 5	53
CORPO MIDIÁTICO: O DISCURSO DA BOA FORMA E A PRODUÇÃO DE SENTIDO ACERCA DO CORPO FEMININO	
Marília Diógenes Moreira	
Laís Sousa Di Lauro	
DOI 10.22533/at.ed.0982126055	
CAPÍTULO 6	68
DESIGUALDADES E OPRESSÕES: ANÁLISE DE DISCURSO NO PODCAST “GERAÇÃO P” DO UOL RELACIONADOS À CONSTRUÇÃO DA MAGEM DA MULHER DURANTE A PANDEMIA E OS EFEITOS DA SOBRECARGA DE FUNÇÕES SOBRE ELAS	
Janete Monteiro Garcia	
Pedro Farnese	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez	
Mariane Silva Paródia	
DOI 10.22533/at.ed.0982126056	
CAPÍTULO 7	78
O DISCURSO MACHISTA EM PUBLICIDADES BRASILEIRAS DE MODA FEMININA: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA	
Joel da Silva Fonseca Júnior	

Júlia Lopes Penido Pena

DOI 10.22533/at.ed.0982126057

CAPÍTULO 8..... 95

APRENDENDO A CONTAR, APRENDENDO A MUDAR: A EXPERIÊNCIA DA
CADERNETA AGROECOLÓGICA COMO CONSTRUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES
FEMININAS

Anna Christina Freire Barbosa

Glaucia Rejane da Costa

DOI 10.22533/at.ed.0982126058

CAPÍTULO 9..... 110

IMPACTOS CULTURAIS E ECONÔMICOS PROVOCADOS PELO CINEMA, RÁDIO E TV
NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Carolina Braga Silva

Maria Elisabete Rabello

DOI 10.22533/at.ed.0982126059

CAPÍTULO 10..... 114

TOPOGRAFIA DA CULTURA: UM CONCEITO DESCRITIVO DA MATERIALIDADE
DISCURSIVA INSCRITA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NOS ANOS 1930

Camilla Ramos dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09821260510

CAPÍTULO 11..... 127

A MUDIATIZAÇÃO DO TERRORISMO EM PARIS: PROCESSOS DE CIRCULAÇÃO
MIDIÁTICA ATRAVÉS DO PORTAL G1

Arnaldo Oliveira Souza Junior

Indira Ilana Vanderlei do Vale

Fernanda Ito Ota da Puri icação

DOI 10.22533/at.ed.09821260511

CAPÍTULO 12..... 141

PROCEDIMENTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS EM REDAÇÕES NOTA 1000 DO
ENEM/2018

Ana Paula Cordeiro Lacerda Franco

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.09821260512

CAPÍTULO 13..... 155

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO ENTRELAÇAMENTO ENTRE ESTUDO DA
TRADUÇÃO E JORNALISMO

Lucas Vinicio Stank da Silva

Maria José Baldessar

Ivan Luiz Giacomelli

DOI 10.22533/at.ed.09821260513

CAPÍTULO 14.....	165
FUTEBOL, PODER E IDEOLOGIA: ANÁLISES DA RELAÇÃO ENTRE SELEÇÃO E GOVERNO EM 1970 E 2014	
Edwaldo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.09821260514	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	188
ÍNDICE REMISSIVO.....	189

FUTEBOL, PODER E IDEOLOGIA: ANÁLISES DA RELAÇÃO ENTRE SELEÇÃO E GOVERNO EM 1970 E 2014

Data de aceite: 21/05/2021

Edwaldo Costa

Pós-Doutorando na Daphne Cockwell,
Ryerson University – Canadá e Doutor em
Comunicação e Semiótica pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

RESUMO: A Seleção Brasileira de Futebol masculina profissional constitui amálgama que exalta todo um modo único e vitorioso brasileiro de jogar futebol. Ao longo de sua história, ela foi e ainda é objeto de usos políticos e figura em pautas periódicas nos principais jornais, principalmente em campeonatos mundiais. Nesse contexto, este artigo procura analisar os usos políticos e midiáticos da Seleção em dois períodos: Copa de 1970 e Copa de 2014. Para tanto, nossa metodologia combinou revisão bibliográfica, análise de conteúdo de textos midiáticos e entrevistas com jornalistas brasileiros, com o objetivo de investigar (1) como os dois governos correspondentes relacionam-se com a Seleção, enquanto objeto de valor; (2) que valores sociais e ideológicos a Seleção encarna nesses dois momentos. Nossa conclusão indica que, em 1970 e em 2014, duas estratégias diferentes do governo para com a Seleção acontecem e que, além disso, a Seleção encarna significados distintos, condicionados pelo contexto sociopolítico imediato.

PALAVRAS-CHAVE: Seleção; futebol; copa do mundo; poder.

SOCCKER, POWER AND IDEOLOGY: ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN SELECTION AND GOVERNMENT IN 1970 AND 2014

ABSTRACT: The Brazilian football team fuses a unique and Brazilian way to play football. Throughout her history, it has been and still is the subject of political disputes and figures in the leading magazines, especially in world championships. In this context, this article seeks to analyze the political and media uses of the selection in two periods: the 1970 World Cup and the 2014 World Cup. To that end, our methodology combined bibliographical review, content analysis of media texts and interviews with Brazilian journalists, with the objective of investigating (1) how the two corresponding governments relate to selection as an object of value; (2) what social and ideological values the selection embodies in these two moments. Our conclusion indicates that, in 1970 and 2014, two different government strategies for selection take place. In addition, Brazilian national team embodies distinct meanings, conditioned by the immediate sociopolitical context.

KEYWORDS: Brazilian Soccer Team, Politics, Power, World Cup.

INTRODUÇÃO

Já sabemos a contento que o esporte, em sua forma contemporânea, longe de constituir-se uma esfera autônoma, foi constantemente objeto de interesses de governos. No nazismo, por exemplo, tratou-se de uma estratégia

minuciosamente deliberada utilizar o esporte olímpico, nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, com fins ideológicos para promover o regime totalitário. Processo similar ocorre no regime fascista de Mussolini, quando o ditador italiano utiliza o futebol como propaganda política¹.

Em outros países e contextos sócio-históricos, deparamo-nos com casos similares, entre os quais o uso propagandístico do futebol pelos regimes ditatoriais do Brasil e da Argentina, em 1970 e em 1978, respectivamente, aparece também como emblemático.

Dessa sorte, como afirma o jornalista Nilson Lage, a aproximação de governos com atletas insere-se numa lógica propagandística explícita:

aproximar-se da Seleção era e é uma estratégia básica de propaganda: esporte tão popular é o que se chama de *device of persuasion* – alavanca de persuasão – a que todos ocorrem, desde Goebbels, nas Olimpíadas de 1936, até Edward Bernays que, jogando pelos americanos, passou-lhe uma rasteira. Por ironia, quem soltou o rabo-de-arraia foi um atleta negro, Jesse Owens, que representava os Estados Unidos, então uma das nações mais racistas do mundo².

Nesse sentido, esse artigo busca analisar como se dá essa relação dialética entre a Seleção brasileira de futebol e governo. Para a redação deste artigo, centramo-nos em dois períodos da história do futebol: de um lado, a Copa do Mundo de 1970; de outro, a Copa do Mundo de 2014.

Fizemos essa escolha, pois, por um conjunto de razões, esses dois momentos se opõem diametralmente. Como veremos mais adiante, eles colocam em cena duas formas da relação entre governo e futebol nacional, assim como duas concepções (ou ideologias) em relação à Seleção.

Daí que este artigo pretende fazer uma análise desses dois períodos da história social contemporânea do Brasil. Para tanto, faremos uma revisão bibliográfica que contemple de modo abrangente, as relações entre futebol e poder em sociedades contemporâneas e, particularmente, na sociedade brasileira (BOURDIEU, 2011; WEBER, 2004; DAMATTA, 1982; MASCARENHAS; SANTOS; SILVA, 2014, GUTTERMAN, 2004).

Em seguida, analisaremos as relações entre o governo ditatorial instaurado em 1964 e a Seleção, quando da Copa do Mundo de 1970. Buscaremos evidenciar, por meio de revisão bibliográfica e análise de textos midiáticos, as estratégias governamentais de aproximação em relação à Seleção brasileira de 1970.

A título comparativo, empreenderemos análise similar da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Para nós, a Seleção brasileira que aí se apresenta e sofre a derrota por 7 a 1 contra a Alemanha configura toda uma representação social ‘crítica’ do futebol brasileiro. Ela não somente encarna valores que em nada se assemelham com aqueles verificados na Copa de 1970, mas também conflita com toda uma memória social (HALBWACHS, 2006)

1 VILELA, Túlio. Futebol e nazi-fascismo: esporte serviu de propaganda de Mussolini e Hitler. UOL Educação [on-line], 21 jun. 2006. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/futebol-e-nazi-fascismo-esporte-serviu-propaganda-de-mussolini-e-hitler.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

2 Em entrevista concedida para nós.

em relação ao futebol brasileiro, nutrida durante a segunda metade do século XX.

Por exemplo: para o governo e sociedade brasileiros, a vitória na Copa do México significa, no plano simbólico, a vitória e a consolidação do Brasil, enquanto nação, no cenário internacional. Além disso, naquele contexto, há uma interferência direta do governo presidencial na gerência imediata da equipe nacional. Na Copa do Mundo de 2014, ao contrário, a Seleção Brasileira de Futebol e a presidente Dilma Rousseff não se associam, em termos de imagem pública, como aconteceu em 1970. Além disso, a Seleção carrega consigo o estigma da *crise* – e não mais do progresso – cristalizado no 7 a 1, crise que é futebolística, em princípio, mas que, na base, refrata uma sociedade, ela mesma, em crise (social, econômica, política etc.).

Dessa sorte, consideramos pertinente uma análise comparativa desses dois momentos da história do futebol e da sociedade brasileira. Podemos postular que eles evidenciam duas relações distintas entre governo e Seleção, assim como entre esta última e a sociedade.

Conforme afirma DaMatta (1982, p.21), o futebol é o modo específico pelo qual “a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. Esse esporte, no Brasil, constitui, portanto, um objeto sociológico privilegiado para analisar as contradições sociais e políticas de nossa sociedade, sendo que a análise das relações entre a Seleção, símbolo maior do futebol nacional, e governos traz à tona o modo como dimensão simbólica de nossas relações de poder, isto é, por questões ligadas aos discursos e práticas futebolísticas.

Assim, este artigo é dividido em quatro partes. Em um primeiro momento, analisaremos, de modo geral, as relações entre futebol e poder. Em seguida, trataremos de estudar as relações entre Seleção e governo militar em 1970 e evidenciar os valores associados à equipe nacional nesse momento histórico. Na sequência, a título comparativo, faremos análise também das relações entre governo e Seleção em 2014, assim como os valores que a Seleção, derrotada pela Alemanha, representam. Por fim, na conclusão, buscaremos sintetizar as principais ideias levantadas no curso da análise.

FUTEBOL E PODER

A questão central que nos move nesta parte da investigação consiste, de modo geral, em compreender as relações entre futebol e poder. Mais especificamente, levantamos a hipótese de que, à medida que o futebol se transforma em cultura popular no Brasil, o que começa a ocorrer a partir do século XIX, ele passa a representar cada vez mais um *enjeu* político, até se tornar, como nos dias atuais, importante instrumento de legitimação popular.

Dito de outra forma, na esteira do pensamento weberiano, parece-nos que essa instituição esportiva funciona, em ocasiões específicas, como instrumento para (des)legitimar relações de poder, constituindo ela mesma extremamente valiosa fonte de capital

político, no sentido de “espécie de capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido” (BOURDIEU, 2011, p.204).

Assim, em razão de sua imensa popularidade, o futebol, ainda que prática inserida no campo esportivo, é, talvez, a modalidade esportiva no Brasil que apresenta a maior chance de se transformar em instrumento rentável para disputas no campo político.

Um exemplo emblemático e recente dessa perspectiva pode ser encontrado na relação do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, torcedor do clube de futebol Corinthians, com o futebol. Em seu percurso como presidente, Lula sempre fez questão de explicitar continuamente sua paixão pelo time e, em seus discursos, utilizava corriqueiramente jargões típicos do esporte (MASCARENHAS; SANTOS; SILVA, 2014, 497).

Isso se vê em inúmeras ocasiões, das quais uma das mais caricaturais se encontra no documentário *Entreatos* (SALLES, 2004), dedicado a retratar os bastidores da campanha nas eleições presidenciais de 2002. Na produção audiovisual, uma cena chama a atenção: Lula, prestes a subir no palanque para fazer um discurso, é filmado conversando com um colega a respeito de um jogo em que o Corinthians havia empatado.

Dessa forma, o documentário constrói um *ethos* de Lula como uma figura de origem popular, que fala de futebol “como qualquer brasileiro comum”, por assim dizer. “Nunca nenhum presidente havia falado tanto de futebol, até porque, diferentemente dos antecessores, ele dominava seus códigos. Lula usou e abusou de sua linguagem para se comunicar, cultivando o sentimento do popular, do nacional e do moderno” (MASCARENHAS; SANTOS; SILVA, 2014, p. 514). “O presidente Lula recebia qualquer time que fosse campeão. O Lula fazia questão de receber a Seleção”, afirma o jornalista Marcos Paulo, do Correio Braziliense³.

Evidentemente, Lula usou e abusou do discurso futebolístico, mas, não foi o único a fazê-lo, de um modo ou outro, dentro da política institucional. Nossa história política, assim como a de outros países (a Alemanha nazista, por exemplo), carrega inúmeros outros exemplos, um dos quais examinaremos adiante (a ditadura civil-militar de a Copa de 1970). Cabe, por ora, apenas salientar o peso que instituição futebol ganhou ao longo da história política brasileira quando se trata de conquistar legitimidade popular.

Em *Economia e Sociedade*, Weber (2004) elabora uma tipologia da dominação, construída com base em sua teoria dos tipos ideais. Para o sociólogo alemão, há três tipos puros de dominação:

1. Racional, “que repousa sobre a crença na legalidade de ordenações instituídas” (idem).
2. Tradicional, “que repousa sobre a crença cotidiana na santidade das tradições” (idem).
3. Carismática, “que repousa sobre a entrega extracotidiana à santidade, ao

³ Em entrevista para nós.

heroísmo ou à exemplaridade de uma pessoa às ordenações por ela criadas ou reveladas” (idem).

Logo somos tentados a reconhecer, com efeito, que o futebol, ao ser convertido em capital político, se associa à terceira forma de dominação, dado que, como nos mostra a própria história desse esporte, funciona como instrumento matriz discursivas de governos para a consecução de objetivos políticos. Como explica Weber,

o poder do carisma fundamenta-se na fé em revelações e heróis, *na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer*, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo (idem, p.327, grifo nosso).

Com efeito, não seriam Pelé, Garrincha, Tostão e tantos outros ex-jogadores brasileiros “heróis” dotados de um “dom mágico”? Podemos fazer a hipótese que sim, pois que se trata de personagens que, graças a seus talentos com os pés, podem irromper com cotidianidade do poder que se situa fora das quatro linhas: pelo futebol, esporte símbolo da democracia (DaMatta, 1982, p.21) eles podem fazer face a qualquer nação.

Jogadores de futebol no Brasil, sobretudo, são modelos a seguir e, portanto, considerados sob esse ângulo, não passarão despercebidos a líderes políticos. O líder carismático lançará mão dessa estratégia para se legitimar, uma vez que, como afirma DaMatta (idem, ibidem), o futebol é uma prática integradora, pela qual a sociedade brasileira espelha sua identidade e seus dramas.

Este esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas habituais, sendo, por tal motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros de todas as classes quebra a hierarquia cotidiana (GUTTERMAN, 2004, p.268).

Todavia, sustentar a relação do futebol com o poder carismático não significa dizer que, ao ser utilizado pelas elites, o futebol sempre implicará dividendos políticos. A relação entre ambos, suspeitamos, é complexa. Daí o interesse de nosso trabalho em investigar como essa a prática esportiva estabelece uma relação não unívoca, mas ambivalente com o poder político.

No caso específico dos governos brasileiros, isso quer dizer que o uso da imagem da equipe nacional como estratégia política dependerá de conjunturas políticas específicas, assim como do momento que vive a equipe nos campeonatos ou jogos disputados (Copa do Mundo sobretudo, mas também Copa América, amistosos etc.).

Como veremos adiante, a Copa de 70 foi um dos momentos em que o futebol mais funcionou como instrumento de sustentação política. Para Levine (1982, p.41), por exemplo, foi “o melhor exemplo de como o futebol foi usado para emprestar legitimidade política ao governo”. Ao contrário, na Copa de 2014, após a derrota contra a equipe nacional alemã, pode-se postular, como ‘efeito colateral’, um recrudescimento da popularidade da ex-presidente Dilma Rousseff.

SELEÇÃO DE 1970 E O GOVERNO CIVIL-MILITAR

Um dos casos mais conhecidos dos usos políticos do futebol na história brasileira está na década de 1970, quando o governo ditatorial civil-militar busca alicerçar sua imagem na badala e vitoriosa Seleção brasileira de 1970. A Copa de 1970, no México, com efeito, é “quando a Ditadura Militar transformaria cada vitória brasileira em sintoma das nossas imensas possibilidades” (GUTTERMAN, 2009, p.9)

Com a deposição de João Goulart em 1964 e a instauração do regime ditatorial, diversos movimentos de resistência, estudantis e sindicais, sobretudo, ganham força. Além dos grupos armados, que tomam fôlego nesse período, a Passeata dos Cem Mil, em 1968, mostra o nível de descontentamento popular contra o governo.

Diante desse cenário, os militares assistem a um processo contínuo de enfraquecimento do apoio popular. Para dar estabilidade ao governo, era preciso apelar às massas. Para tanto, o futebol mostrava-se mais que oportuno, pois, à época, já era acessível às camadas populares e médias (sobretudo graças às evoluções nas telecomunicações; diversos canais de televisão surgem nesse momento).

Assim, a Copa de 1970 torna-se estratégica para o governo. Em meio ao acirramento de conflitos políticos, a vitória significa um dos *enjeux* basilares do apoio popular ao governo. Em reunião realizada no início de dezembro de 1968 com a cúpula do futebol brasileiro, Costa e Silva externa esse ponto de vista:

Eu acho, realmente, que o Brasil não pode perder este campeonato [a Copa de 1970]. Temos que dar um jeito, de qualquer forma [...]. Em 1970 o Brasil estará disputando a taça do mundo. Como presidente, gostaria que o povo brasileiro, ainda na minha gestão, festejasse a conquista. Precisamos combinar bem tudo isso, pois afinal de contas em 1970 eu ainda estarei no governo e não vou gostar nada de ter perdido esse campeonato (A GAZETA ESPORTIVA, 1968 apud CHAIM, 2014, p. 52).

João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), coloca-se à disposição do presidente militar e demanda-lhe auxílio financeiro. Costa e Silva, por sua vez, solicita ao chefe da CBD um esboço de um projeto de Loteria Esportiva, que será, cinco meses mais tarde, implantado por meio de decreto presidencial.

Assim, por meio do apoio político e financeiro, o governo militar arquiteta sua estratégia de uso político do futebol, que, no contexto de acirramento após a edição do Ato Institucional nº 5, ganhará ainda mais importância como instrumento garantidor da coesão e identidade nacionais.

O esporte – notadamente o futebol – passou a possuir o papel de ser agente do fortalecimento da identificação civil dos cidadãos brasileiros com a Nação, e consequentemente com os governantes militares vinculados à ARENA, que foram os que arquitetaram o plano para o campo esportivo e eram os que pretendiam colher os frutos políticos gerados pelo incentivo ao esporte (CHAIM, 2014, p.54).

Desse modo, o amparo ao futebol e ao esporte nacional em geral ganha relevância considerável a partir do governo de Costa e Silva em diante. A Seleção brasileira é, nesse contexto, a “joia rara”. “Desde 1969, na esteira do desgaste popular gerado pelo AI-5, o regime militar buscava símbolos que o redimissem”, afirma o jornalista Nilson Lage⁴.

Daí que era necessário aos ditadores fazer a população ver a equipe nacional, para que admirasse os jogadores e criasse a partir deles o modelo cívico do ‘ser brasileiro’. Donde, por exemplo, em 1969, às vésperas da Copa de 1970 em acordo entre Costa e Silva e Havelange, a equipe faz uma série de excursões pelo país em jogos amistosos.

Com a saída de Costa e Silva e chegada de Emílio Garrastazu Médici ao poder, (em fins de 1969, em virtude de adoecimento daquele) o país já vive em completo Estado de exceção. 17 atos institucionais já haviam sido implementados, e direitos políticos e civis tinham sido extintos, de modo que o Médici, dispondo de poderes extraordinários, agia à revelia dos institutos democrático-legais (idem, ibidem, p.66).

Seus poderes eram tão amplos que extravasavam o campo político-institucional. Médici – torcedor do Grêmio e fanático por futebol – não se contenta com a soberania política e quer atuar diretamente nos negócios da Seleção. Quer fazer dela o seu espelho.

Assim, dias antes de sua posse, Médici já se aproxima de Havelange para inteirar-se das questões que rondavam a política para o esporte e o futebol no país. Para colar sua imagem à “paixão popular” brasileira, ele reúne-se, dias após tornar-se presidente, em 30 de novembro de 1969 – com Pelé e o então deputado federal e presidente do Santos Futebol Clube, Athiê Jorge Coury, em ocasião do milésimo gol marcado pelo atleta em sua carreira. “Foi uma das maiores manifestações populares já registradas nos dez anos de Brasília, superior a todas até agora tributadas a soberanos, ministros ou presidentes de República” (A Gazeta Esportiva, 1969, p.9 apud CHAIM, 2014, p. 70). Meses depois, em janeiro de 1970, convidado por Laudo Natel (então presidente do São Paulo Futebol Clube), participa da inauguração do Estádio do Morumbi.

Dessa forma, logo no início de seu mandato como presidente, Médici busca todo e qualquer tipo de contato que estreite suas relações com grandes figuras do campo futebolístico e reforce sua imagem como amante do futebol brasileiro. “Houve por sua parte um insistente esforço em colocar-se como um ‘presidente-torcedor’, como um homem que estava interessado nos esportes, e principalmente no futebol” (CHAIM, ibidem, ibidem).

Muitas situações reforçam essa tese. Uma delas é a ocasião, fartamente noticiada pela imprensa à época, em que, às vésperas da Copa de 1970, Médici convida os jogadores para um banquete no Palácio das Laranjeiras, como forma de demonstrar seu apoio à equipe.

Além disso, seis dias antes do início do campeonato mundial, Médici “demite” João Saldanha, técnico que havia classificado a Seleção nas Eliminatórias de 1969 e que, insatisfeito com a ingerência do ex-presidente na equipe, havia solicitado a Médici,

⁴ Em entrevista concedida para nós.

por meio de entrevista na televisão, que Médici escalasse seu ministério que deixasse as incumbências da Seleção consigo. Saldanha se referia então ao pedido de Médici, que queria que o jogador Dadá Maravilha fosse escalado na equipe. Ao não realizar a vontade do militar, Saldanha foi afastado da equipe.

Esse fato, talvez o que mais escancara os (des)mandos do poder político presidencial na Seleção, evidencia a dependência da organização do futebol brasileiro da época aos homens da política (na ocasião, militares). Nessa época, a CBD é “um órgão extremamente centralizado, que, sob o mando de João Havelange, escolhe o técnico”, explica Roberto DaMatta⁵.

Todavia, essa centralização não significa autonomia nas decisões, mas o seu exato oposto. Com Havelange sendo aliado importante dos ditadores, tem-se uma heteronímia constante nesse órgão, que se submete aos interesses políticos alheios ao futebol. Para Nilson Lage,

a hierarquia da CBF e a linha obtusa e fanática dos homens que dão golpes não podiam tolerar tal indivíduo, além de tudo conhecida língua ferina, à frente de uma Seleção vitoriosa. Armou-se a habitual onda de falsas notícias e pichações de ocasião: Saldanha não entendia de preparação física, não tinha carteirinha de técnico diplomado, não queria escalar o jogador de preferência do General Médici – em suma, expeliram-no e, com notável expertise, acertaram no regra-três, o Mario Jorge Lobo Zagallo. Seguiu-se o espetáculo, tal como programado: “vamos todos/ Juntos/Pra frente o Brasil/ Salve a Seleção⁶.

Além do entrevero entre Médici e Saldanha, inúmeros outros acontecimentos vão no sentido de corroborar essa relação estreita e promíscua entre governo e futebol à época do regime ditatorial. Após a conquista do tricampeonato, decreta feriado nacional para 23 de junho de 1970, data de chegada da equipe. Naquele dia, os jogadores fazem um desfile pela cidade.

No evento, Médici, em lágrimas, conta a Carlos Alberto Torres, lateral da Seleção: “Carlos Alberto, quando você ergueu a Taça lá no México, eu chorei aqui em Brasília. Vocês divulgaram o Brasil no mundo. [...] O sucesso da Seleção é o simbolismo do progresso do Brasil” (A GAZETA ESPORTIVA, 1970, p. 4 apud CHAIM, 2014, p.74).

5 Em entrevista concedida para nós.

6 Em entrevista concedida para nós.



Figura 1 – Capa do jornal O GLOBO, 22 de junho de 1970

Essa frase de Médici merece atenção especial, na medida em que clarifica, no plano simbólico, os usos políticos do futebol feitos pelo governo. Podemos sustentar que a Seleção encarna e reflete a ideologia do progresso, talvez o mote principal do governo ditatorial, e constitui um dos instrumentos de representação do país no exterior.

Heródoto Barbeiro, jornalista que vivenciou a euforia da Copa de 1970, é peremptório ao analisar a estratégia do governo ditatorial de Médici em relação à Seleção:

O governo tomou conta por completo da Seleção. Passou a ser um patrimônio nacional, com grande exploração por parte do departamento de propaganda do governo, com a anuência de todos os jogadores, técnico etc. Até a saída de João Saldanha – comunista – foi armada com a afirmação de que Pelé, o grande ídolo, estava cego⁷.

Propagadora de valores, ela cumpre, portanto, o papel de *fazer-ver/fazer saber(sobre)* o país. Como afirma DaMatta⁸, é por meio do futebol nas Copas do Mundo, sobretudo a de 1970, que os países da América do Sul se mostram para o mundo, se não como potências, ao menos como atores que se querem importantes da geopolítica mundial. “Praticamente, não existia América do Sul [no cenário global]. Esses países começaram a aparecer como

⁷ Em entrevista concedida para nós.

⁸ Em entrevista concedida para nós.

países, e a Seleção representa uma coletividade inteira. Por isso, o futebol relativizou, de certo modo, as teorias do colonialismo”.

A Seleção de 1970, sobretudo, significa, à sua época, o totem capitalista da eficiência. Seu modo de jogar, inovador e exuberante, encanta, e o governo perde tempo para tomar carona e refletir-se nessa Seleção, que se afirma diante das outras como potência. Nesse sentido, o jornalista Marcos Paulo recorda que

as músicas daquela época eram repletas de ufanismo, como, por exemplo, 'Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil/Do meu coração.../Todos juntos vamos/Pra frente Brasil/Salve a Seleção!' Ela dava a conotação que era só uma torcida pela Seleção e, mais que isso, trazia consigo a seguinte ideia: 'vamos mudar o Brasil'. Na época, o governo militar do Brasil se apropriou fortemente do discurso de amor à Seleção e adotou o hit como praticamente um hino⁹.

Daí que a Seleção de 1970 cumpre uma função propagandística de extrema importância para a ditadura civil-militar, talvez, suspeitamos, da maneira mais explícita da história do futebol brasileiro. Não obstante, evidentemente, não se trata de *fazer-ver/fazer-saber* o que o governo é – não autoritário, repressivo, supressor de direitos civis etc., mas, ao contrário, o que ele aparenta ser (desenvolvimentista, rico, moderno etc.).



Figura 2 - Jornal O GLOBO, 22 de junho de 1970

Posto isso, a vitória da Seleção na Copa de 1970 significou mais que um ganho esportivo. Ela rendeu ao governo dividendos políticos. “Nunca futebol e política andaram tão de mãos dadas por aqui (no Brasil) como nos anos que se seguiram ao tri de 1970” (MÁXIMO, 1999, p.187). “Tinha uma Seleção boa dentro de campo e fora dela muitos tentando aproveitar aquele momento de euforia”, conta o jornalista Marcos Paulo, do Correio Braziliense¹⁰.

9 Em entrevista concedida para nós.

10 Em entrevista concedida para nós.



Figura 3 – Jornal O Estado de S. Paulo, 24 de junho de 1970

Assim, diz o jornal O Estado de S. Paulo, na legenda da foto de sua capa de 24 de junho de 1970: “Orgulho, júbilo, afirmação é o que se vê nas fisionomias do presidente Médici e do ‘capitão’ Carlos Alberto, ao erguerem, juntos, diante do Palácio do Planalto, a Copa que agora é Patrimônio do Brasil”.

A perspectiva que jornal busca valorizar aí é justamente aquela que Médici objetivava fazer sua desde sua chegada ao poder: imiscuir o discurso do poder (“patrimônio”, “Palácio do Planalto”), o discurso patriótico (“orgulho, júbilo, afirmação”), e o discurso futebolístico (“Copa”). Percebemos no discurso do jornal dois símbolos de poder, de esferas distintas a princípio – “presidente”, “capitão” –, unidos pela nação que prospera.



Figure 1 - Pelé ergue a taça da Copa do Mundo ao lado de Médici.

Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/album/mobile/2014/06/12/politicos-selecao-brasileira-e-a-copa-do-mundo.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Dessa forma, é necessário ressaltar que esse discurso dependia, em grande parte, da imprensa nacional para ser reproduzido. “Acredito a maioria creditou grande participação e utilização governamental, com a figura do General Médici sendo “protagonista”, conta o narrador esportivo Luís Magno, da Rádio Guaíba, de Porto Alegre, em entrevista concedida a nós.

Para o jornalista, embora a qualidade técnica da Seleção fosse irrefutável, o uso político desta explica em grande parte o que significou a Copa de 1970. “Claro que o crédito dentro de campo é latente, com a melhor Seleção de futebol já formada para uma Copa do Mundo. Entretanto, houve, sim, grande utilização política”.

COPA DE 2014: UM FUTEBOL E UMA SOCIEDADE EM CRISE

A Copa do Mundo de 2014 no Brasil acontece em meio a um contexto radicalmente diverso daquele em que se dá a copa de 1970. Antes de tudo, tem-se um clima político acirrado e adverso à ex-presidente Dilma Rousseff já antes da realização da Copa. Desde o fim de seu primeiro mandato, cresce a pressão popular e midiática contra Rousseff.

Ao contrário do regime civil-militar, que ascende ao poder e mantém-se nele graças ao apoio relevante da sociedade civil, o governo de Rousseff passa por um processo paulatino de deslegitimação, muito embora tenha sido ela a vencedora nas eleições, que, como afirma Almeida (2016, p.70), foi o capítulo central que determinou o rumo instável do segundo mandato.

Além disso, o momento em que acontece a Copa de 104 constitui o início de uma recessão econômica que se revelará, mais tarde, uma das mais profundas da história do país. Após mais de uma década de crescimento sob o a política econômica neodesenvolvimentista do “lulismo” (SINGER, 2012, p.20; BRESSER-PEREIRA, 2016, p.31), o país desacelera economicamente: o PIB cresce 0,9% em 2012¹¹, 2,3% em 2013¹² e

11 <https://br.advn.com/indicadores/pib/brasil/2012>

12 <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/02/em-2013-pib-cresce-2-3-e-totaliza-r-4-84-trilhoes>

apenas 0,5% em 2014¹³. Dessa forma, enquanto o mote do governo ditatorial de 1964 em diante é o “progresso”, colocado em cena nos discursos dos presidentes sobre a Seleção de 1970, a fórmula que rondará o segundo governo de Dilma Rousseff é o da crise, da ineficiência, da corrupção.

Assim, se há uma hipótese que pode ser estabelecida em termos relações entre governo e Seleção, ela consiste em estabelecer dois quadros opostos.

De um lado, em 1970, o governo ditatorial impulsiona da ideologia do progresso pela equipe nacional. Esta é seu veículo, seu aparelho refletor de valores cívicos.

De outro, no governo de Dilma Rousseff, sobretudo após a derrota do Brasil pela Alemanha por de 7 a 1, a Copa e a Seleção são o *símbolo maior da crise*, e não mais do progresso, instaurada no país. Seja pelos gastos para construção dos estádios, seja pelas manifestações, seja ainda pelo desempenho negativo da equipe nacional em seu próprio país (haja vista o sonho não atingido de ser campeã em seu próprio país), a Copa e a Seleção constituem símbolos, no plano futebolístico, de uma sociedade e governo em crise.

É o que afirma, por exemplo, o geógrafo Maurício de Carvalho em artigo publicado no *Blog do Juca Kfour* dias antes da Copa do Mundo: “Hoje, a menos de 40 dias do início dos jogos, o cenário do ‘país do futebol’ é de profunda instabilidade social e política com reflexo em uma enorme e em certa medida inesperada crítica negativa à realização da Copa do Mundo [...] A realização da Copa do Mundo tem exposto as fraturas mais profundas do ‘modelo brasileiro’ e evidenciado uma crise já instalada que tende a avançar”¹⁴.

Esse contexto fez que a Copa fosse vista como elemento de entrave ao aquecimento econômico. Esse é o ponto de vista que jornais on-line e impresso, aliás, fazem questão de ressaltar:



Figura 3 – Notícia do Portal UOL.

Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/08/29/na-minha-opiniao-nao-estamos-em-recessao-afirma-mantega.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

13 <http://www.valor.com.br/brasil/4778851/pib-brasileiro-cresce-05-em-2014-apos-revisao>

14 CARVALHO, Maurício Costa de. A Copa e a crise brasileira. *Blog do Juca Kfour*. 17 mai. 2014. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2014/05/a-copa-e-a-crise-brasileira/>>. Acesso em: 13 mar. 2018.



Figura 4 - Notícia do Portal G1.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/08/copa-e-crise-na-industria-puxaram-queda-do-pib-dizem-especialistas.html>>. Acesso em: 13 mar. 2018



Figura 5 – Parte inferior da capa do jornal *Folha de S. Paulo*, 9 jul. 2014.

Como podemos verificar os três exemplos elencados acima estabelecem de modo similar, relação entre o evento Copa do Mundo e a estabilidade do governo, em xeque no momento em questão. Dessa forma, ao contrário do governo de 1970, que tinha na Copa e na Seleção uma base para sustentar seus valores (o que se nota nas capas dos jornais que analisamos acima), o governo de Dilma Rousseff, em 2014, acaba por encontrar na Copa do Mundo mais um fator indireto de deslegitimação.

Evidencia-se esse ponto de vista, por exemplo, nas manifestações ocorridas nos estádios, quando da realização da Copa do Mundo, e direcionadas contra a ex-presidente. Como na época da ditadura, elas misturam motes do futebol com o patriotismo e o nacionalismo. Todavia, diferentemente do que acontece em 1970, essa combinação é usada não para sustentar, mas para desconstruir a popularidade da ex-presidente, em meio a um contexto de crise econômica e política acirrada. Igualmente, as manifestações realizadas por movimentos sociais contra a realização do evento no país¹⁵ aprofunda a deslegitimação de Dilma Rousseff quando da Copa, contribuindo para criar uma imagem

¹⁵ <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2014/02/dilma-fala-sobre-manifestacoes-contras-copa-mas-nao-comentou-acao-da-pm-5683.html>

negativa da realização da Copa.

Por isso, a realização da Copa do Mundo e o sucessivo resultado negativo contra a equipe alemã representaram um complexo de 'crise identitária' para a nação brasileira. Uma vez que essa identidade, no imaginário popular, se constrói de forma importante pelo futebol e tira desse esporte grande parte de seus discursos, uma derrota de tamanha proporção não poderá senão colocar em xeque o 'ser' do brasileiro.

Assim, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao expressar-se em sua página na rede social Facebook, procura relacionar dois discursos: de um lado, o passado perdido das vitórias da Seleção; de outro, o presente social, político e econômico crítico do governo de Dilma Rousseff. Para o Cardoso, esses dois aspectos compõem um todo:

Prestes a começar a Copa no Brasil, lembro-me das vitórias anteriores de nosso futebol campeão. Em meio às desventuras promovidas pelo governo na organização desse grande evento, resta torcer para a nossa Seleção¹⁶.

“A derrota de 7 a 1 para a Alemanha é um marco na história do futebol brasileiro, um dos maiores vexames não só do futebol, mas também do próprio país, tendo ofuscado até mesmo o que aconteceu em 1950, dentro do Maracanã, por incrível que pareça”, opina o jornalista Marcos Paulo Lima, do Correio Braziliense, em entrevista concedida para esta pesquisa.

Com essa derrota, o sonho de mais de meia década de conquistar um título mundial em casa, o que seria uma espécie de reencontro consigo mesmo, da Seleção com seu povo, desaba. “Milhões estavam nas praças e ruas de todas as cidades. A atmosfera de euforia dos brasileiros, a maioria enfeitados de verde-amarelo, as cores nacionais, não toleraria jamais, sequer por imaginação, semelhante humilhação. E ela caiu como um raio em céu azul” (BOFF, 2014).

Com isso, o alicerce identitário futebolístico esfacela-se. “A maioria agora se sente órfã” (idem, ibidem).

Nesse país pluridiverso, com uma população hospitaleira e lúdica, para ela quase nada funciona bem nem a saúde, nem a educação, nem o transporte e nem a segurança. Tirando o carnaval, não somos bons em quase nada, dizem. Mas pelo menos somos bons no futebol. Isso dava ao simples povo o sentido de autoestima. Agora nem mais podemos apelar para o futebol. Por muitos e muitos anos esta terça-feira sinistra de 8 de julho de 2014 com 7 gols a 1 para a Alemanha nos acompanhará como uma sombra funesta (idem, ibidem).

O brasileiro acreditava ser o melhor do mundo quando o assunto era futebol. Desde a primeira vitória na Copa do Mundo de 1958, “começa essa jornada, emblema de que éramos os melhores do mundo. É como o mito do fogo: tomamos e reinventamos o futebol

16 PITTA, Iuri. Ex-presidentes tentam entrar no jogo da Copa. *O Estado de S. Paulo* [on-line]. São Paulo, 13 jun. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ex-presidentes-tentam-entrar-no-jogo-da-copa-imp-1511062>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

herdado dos ingleses, inclusive criando um vocabulário próprio”, afirma DaMatta¹⁷.

Esse princípio identitário construído por meio do futebol-ginga e individualista cai por terra sob a eficiência coletiva da equipe alemã. O “vexame” brasileiro, por isso, atinge toda uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006) que nutríamos a respeito do futebol do Brasil: nosso futebol não impera mais; aquele futebol único, criativo e individualista de Didi, Pelé, Garrincha e tantos outros, foram trucidados pelo espírito coletivo alemão. Com isso, foi nossa própria identidade que se abalou, pois nosso futebol, que sempre foi alicerce de nossa identidade nacional, tendo sofrido uma dura derrota, já não espelhava mais aqueles gloriosos anos de hegemonia. Dessa sorte, a Seleção de 2014, com a derrota dos 7 a 1, representa uma crise em nosso futebol.

Dilma Rousseff afirmou que nem em “seus piores pesadelos” imaginaria uma derrota por 7 a 1¹⁸. Mesmo assim, o pesadelo inimaginável realizou-se e não demorou que, no plano político mais imediato, a derrota sofrida pelo Brasil fosse usada contra a ex-presidente.

Ainda na terça-feira 9, o candidato do PSDB à Presidência da República, Aécio Neves, classificou o resultado como “vexatório” e aproveitou para dizer que é preciso “repensar” o Brasil. “Derrota vexatória. Está na hora de repensar não só a Seleção brasileira como o Brasil. #aecomudabrasil”, publicou em seu perfil no microblog Twitter (OPOSIÇÃO..., 2014).

Ademais, em matéria publicada na *Folha de S. Paulo*, os economistas Eduardo Zilberman e Carlos Carvalho argumentam que a derrota nas semifinais influenciou substancialmente na queda abrupta de popularidade da ex-presidente. “Nossa hipótese é que já existia uma insatisfação latente com o governo que o 7x1 fez aflorar, e o mercado financeiro percebeu isso’, diz Zilberman” (PERRIN, 2017).

Assim, a jornalista do periódico paulista explica como os economistas compreendem os efeitos do 7 a 1 na política: “O fracasso na Copa foi o golpe – ou impeachment – que faltava para amarrar as frustrações de quem já estava insatisfeito, de modo difuso com a política e a economia” (idem, ibidem).

Se essa tese se mostrar verdadeira, podemos inferir daí que todo o desenrolar da Copa de 2014 (desde seu início, com os protestos, até seu desfecho trágico) funciona como a explosão de uma crise, até então latente, no futebol, mas que não se resume a ele e atravessa, direta ou indiretamente, outras esferas.

Além desse processo de ‘crise identitária’ do brasileiro com o futebol advindo da derrota para a equipe alemã, há também o fato (ou, ao menos, hipótese) de que a derrota parece configurar uma sorte de manifestação primeira, no plano simbólico, do processo de deslegitimação política do governo, que culmina no impeachment, em 2016. “O recalque dos 7 x 1 teve sim um efeito psicológico que contribuiu para a formação das hordas de paneleiros patrióticos antes frustrados e agora exultantes e redimidos”, afirma o artista plástico Rodrigo Andrade (2016).

¹⁷ Em entrevista concedida a nós.

¹⁸ <http://www.acritica.com/channels/esportes/news/dilma-diz-que-nem-em-seu-pior-pesadelo-brasil-perderia-por-7-x-1>

Ao sustentar essa tese, não queremos dizer que a derrota, um aspecto de todo o contexto político da Copa de 2014, tenha atuado como fator determinante ou imediato para revés político que culminou na queda de Dilma Rousseff, mais tarde, do poder.

Ao contrário, nosso propósito, ao buscar observar as relações entre o poder político presidencial e o maior evento futebolístico do mundo, é evidenciar os ‘cruzamentos discursivos’ que podem ser observados da simples copresença de dois fenômenos: de um lado, o ‘vexame’ futebolístico concretizado no resultado de 7 a 1, que implica um questionamento (crise, portanto) a respeito da até então superioridade do futebol brasileiro; de outro, a crise política, institucional e econômica que enfrenta o governo de Dilma Rousseff no período de transição de seu primeiro para segundo mandato, a partir de outubro de 2014, período em que se insere justamente a Copa do Mundo de 2014.

Embora ela saia, de fato, vitoriosa das eleições, isso se dá graças a uma levíssima margem de diferença (cerca de 3%) em relação a seu oponente no segundo turno, Aécio Neves (PSDB)¹⁹, o que, de imediato, indica um governo fragilizado, com tênue base popular.

Dessa sorte, cremos ser legítimo e pertinente pensar essa relação entre futebol durante o governo de Dilma Rousseff, conquanto seja possível objetar que, nos dias atuais, a influência direta dos governos no comando do futebol seja menor e diferente daquilo que se passava antigamente em torno da antiga CBD²⁰.

Heródoto Barbeiro, por sua vez, concorda conosco ao analisar os efeitos da derrota na popularidade de Rousseff. De modo similar ao que desenvolvemos acima, ele considera que a Copa do Mundo de 2014 e o sequente fracasso da Seleção brasileira foram “coroamento” de toda uma crise política que a culminou na descrença popular em relação à ex-presidente:

A queda da popularidade da presidente começou com os atropelos da construção dos estádios, reação de protestos populares como o ‘Não vai ter Copa’, construção de acessos a estádios que não saíram do papel, trem-bala, entre outras promessas vazias. Sem contar a aprovação de uma lei – apesar do ministro comunista – que entregou o país a uma entidade capitalista do futebol a tenebrosa FIFA.²¹

Esse ponto de vista é, todavia, contraposto ao de Nilson Lage, que considera que a ex-presidente sofreu uma tão grande e ordenada ofensiva política que a Copa do Mundo de 2014 não seria sequer capaz de reverter o quadro negativo:

o povo foi emprenhado pelo ouvido, pelos olhos, engrupido pela manobra que consiste em ocultar a insignificância da corrupção diante da grandeza da economia, e explorado em sonhos de prosperidade que a sociedade de consumo estimula. O governo Dilma não tinha apoio em estrutura confiável de

19 NA DISPUTA mais acirrada da história, Dilma é reeleita presidente do Brasil. *Folha de S. Paulo* [on-line]. São Paulo, 26 out. 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1537894-dilma-e-reeleita-presidente-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

20 Esse relativo distanciamento entre os poderes presidencial e futebolístico é sustentado, por exemplo, pelos jornalistas Marcos Paulo e Heródoto Barbeiro, em entrevista concedida para nós.

21 Em entrevista concedida para nós.

segurança institucional e o país foi historicamente minado pela penetração de agentes de interesses alheios em todas as suas instituições. Uma copa não reverteria isso.²²

Ao contrário de Médici e de outros ex-presidentes, Dilma Rousseff não consegue nem busca construir sua imagem pelo futebol. Considerada uma pessoa fria, burocrática, com pouco apelo popular, Rousseff estabelece outra relação com os selecionáveis e com o futebol de modo geral. Corroborar esse ponto de vista a opinião de Marcos Paulo, jornalista do Correio Braziliense. Para ele,

Dilma ajudou nas construções dos estádios/arenas no ponto de vista financeiro, mas em termo de presença, visita aos jogadores nunca fez questão. Até onde eu sei. O cara que dela que aparecia ligado ao futebol, era o Aldo Rebelo, Ministro dos Esportes.

A esse fato, recorda o jornalista, soma-se outro que evidencia o modo, diverso do verificado em 1970 com Médici, como Dilma Rousseff, relacionava-se com a cúpula do futebol: ela e Ricardo Teixeira mantinham duras resistências, advindas da própria ditadura, atrito que piora quando da chegada de José Maria Marin à presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2012.

Essa relação conflituosa e historicamente datada é relatada por Juca Kfourri em seu blog da seguinte forma:

a presidenta Dilma Rousseff fez questão de não receber o ex-presidente da CBF e do COL, Ricardo Teixeira, que, diante do clima pesado, acabou por fugir para Boca Raton. E ela não está nada disposta a receber o novo presidente das duas entidades, José Maria Marin²³.

Tal conflito era tão problemático e pessoal para Rousseff que nem mesmo tirar uma foto com Marin era, para ela, aceitável. Em matéria um ano antes da Copa de 2014, o UOL mostra como até mesmo uma foto pôde capaz de agravar a crise entre a ex-presidenta e o cartola.

Tirada pelo fotógrafo oficial da confederação, a foto foi publicada no site da CBP como 'o símbolo da paz' entre os dois líderes, o que não agradou a equipe do governo.

22 Em entrevista concedida para nós.

23 KFOURI, Juca. Por que Dilma não recebe Marin. *Blog do Juca Kfourri*. São Paulo, 26 jun. 2012. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2012/06/por-que-dilma-nao-recebe-marin/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.



Figura 2 - Foto de Rousseff com Marin agrava relação entre ambos.

Fonte: MONTES; PERRONE, PASSOS, 2015.

“Tal constrangimento teria feito com que Dilma mantivesse a decisão de conservar a maior distância possível do cartola, encontrando-se com ele apenas quando for inevitável, como na abertura da Copa das Confederações, no último sábado, em Brasília”²⁴.

A equipe de Dilma afirma que a presidente, vítima de tortura no regime militar, ficou extremamente constrangida ao assistir à partida ao lado do dirigente. Em sua época de deputado, o presidente do COL (Comitê Organizador Local) e da CBF elogiou Sérgio Fleury, considerado um dos principais torturadores do período da ditadura²⁵.

Assim, Dilma Rousseff, seja por sua característica pessoal tida como impopular, seja por seus conflitos imediatos com os personagens dominantes do poder do futebol no Brasil (Teixeira e Marin), estabelece uma relação com a Seleção que poderíamos classificar como distanciada ou, até mesmo, fraca.

Nesse aspecto, ela diferencia-se radicalmente de Médici no que diz respeito à postura pública em relação à Seleção, dado que o ex-presidente ditador procurava para si e fazia questão de ter o contato com os cartolas e, sobretudo, com jogadores de futebol.

Enquanto, para Médici, a relação com a Seleção configura uma estratégia para administrar seus conflitos políticos, para Dilma, essa relação é, por si só, um problema político do qual ela busca se afastar.

24 MONTES, Luiz Paulo; PERRONE, Ricardo; PASSOS, Paulo. 'Foto da paz' de Dilma e Marin aumenta crise entre Governo e CBF. UOL Copa. Fortaleza, 17 jun. 2013. Disponível em: < <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/re-dacao/2013/06/17/foto-da-paz-de-dilma-e-marin-aumenta-crise-entre-governo-federal-e-cbf.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

25 Idem, ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nosso objetivo foi o de analisar as estratégias de aproximação entre governos e Seleção em dois períodos: 1970 e 2014. Conseguimos depreender de nossa reflexão que essas duas datas de Copa do Mundo refletiram duas atitudes distintas dos respectivos governos: de um lado, o ditador Médici aproximando-se fortemente da Seleção em aparições públicas e associando a vitória da equipe nacional ao próprio projeto político de seu governo. De outro, Dilma Rousseff, que, como vimos, não associa sua imagem ao futebol em geral e, muito menos, à Seleção especificamente.

Além disso, em relação a nosso segundo objetivo, analisar que valores e ideologias a Seleção encarna nesses dois momentos, podemos resumir nossa análise dizendo que, enquanto em 1970 a Seleção é o símbolo ideológico do progresso e unificação da nação, em 2014, ela constitui, ao contrário, o símbolo de uma crise social. É uma crise do/no futebol brasileiro, em decorrência do resultado de 7 a 1, mas também uma espécie de crise identitária, pois a Seleção, derrotada, não mais representa uma coletividade coesa, como outrora. É o que afirma o jornalista Marcos Paulo:

O fanatismo de 70 ou 82, creio eu, acabou. Em 82 foi a última. A Seleção brasileira de futebol, hoje, para mim significa uma representação nacional de um esporte e não mais representa a nação ou o povo brasileiro, a nossa cultura. Até porque, muitos jogadores, como já foi dito, nem mora mais no Brasil. Só nasceram aqui. Não dá para dizer que a Seleção é nossa representação cultural. Apenas representam o país em uma competição mundial de futebol. Ganhar a Copa, hoje, só muda o nosso estado de espírito, e por alguns meses e mais nada²⁶.

As conquistas dos torneios de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 geraram e revelaram uma autoestima no povo brasileiro. Surgia o orgulho pela cultura verde-amarela, identificada na ginga, no drible e “jeitinho”, com revela Roberto DaMatta. Mesmo nas derrotas como a de 1950 e, mais ainda, na de 1982, foi possível observar um certo orgulho em torno do espetáculo apresentado. O maltratado e subestimado povo brasileiro conquistava, pelo talento, o reconhecimento nacional.

Os jornalistas entrevistados por nós se aproximam desse ponto de vista, quando exaltam a qualidade das nossas equipes e atletas, principalmente quando alguns deles se destacam no cenário internacional dos países ricos ou daqueles com os mais importantes torneios do planeta.

Todavia, conforme pudemos depreender de nossas análises e entrevistas, a Seleção não funciona mais como instrumento de coesão social. Ela perdeu seu sentido enquanto agregadora de todo um imenso país e foi, em termos de qualidade, ultrapassada por outras equipes nacionais. Como nos disse Lage, “continua sendo um significante à espera de significado”²⁷.

²⁶ Em entrevista concedida para nós.

²⁷ Em entrevista concedida para nós.

Dito de outra forma, seguindo-se a ideia de Lage, parece que, entre 1970 e 2014, há uma perda ou corrosão daqueles sentidos comumente atribuídos à Seleção. Isso aparece fortemente nos depoimentos dos jornalistas que entrevistamos para essa entrevista, como revela, por exemplo, a citação que fizemos em parágrafos anteriores.

O par Seleção/imaginários populares, longe de ser estanque, revela um dinamismo particular, na medida em que se constrói, se ressignifica em cada contexto sócio-histórico que se apresenta.

Em 1970, tivemos uma ditadura que assumiu os valores do progresso e da unificação como seus. É o momento em que se deu a primeira transmissão em cores, de forma massiva. Por conseguinte, tratou-se de um momento único na história da nossa sociedade, em que brasileiros puderam assistir na TV, com um ‘realismo televisivo’ antes nunca visto, a seus ídolos do futebol nacional ganharem a Copa de 1970. Essa vitória representa, portanto, o triunfo dos valores encampados pelo regime civil-militar no futebol.

Em 2014, como pudemos constatar nas análises acima, as dinâmicas sociais e ideológicas envolvendo o futebol alteram-se. A Seleção, que entra em campo com a grife pentacampeã, ao sofrer a derrota histórica, destrói toda uma tradição considerada vitoriosa. No nível dos boatos, houve até quem afirmado ter a Seleção ‘vendido’ aquela partida, isto é, aberto mão de lutar pela conquista do título.²⁸ De fato, nunca a Seleção sofreu uma derrota tão elástica, de forma que qualquer brasileiro que se deparava com o placar de 7 a 1 contra os canarinhos diria imediatamente: “há algo de podre no reino da Dinamarca”²⁹.

Aquilo acontecer foi, decerto, anormal, e justamente essa ruptura com a normalidade é que constituiu a Seleção de 2014 como carregada dos valores da instabilidade, do questionamento, em suma, do conflito. No Brasil, país onde o futebol é quase religião e a equipe nacional conquistou muitos títulos e a admiração do mundo, perder por tamanha diferença foi, no plano ideológico, uma derrota da própria identidade nacional, na medida em que esta última se nutriu e continua se nutrindo de discursos, valores e modos de pensar ligados a essa prática esportiva.

Uma de nossas hipóteses/inquietações era de que, sabendo de antemão que no Brasil futebol e política sempre andaram juntos, para o bem e para o mal, esse contexto crítico em torno da Seleção não passaria incólume.

Como demonstramos acima, ao passo que a vitória em 1970 é aproveitada pelo governo ditatorial como uma vitória política de seu governo, podemos considerar que a derrota de 2014, somada à própria realização da Copa no país, duramente criticada, trouxe todos os ventos ideológicos carregados de nacionalismos que serviram como sustentáculo ideológico contra o governo de Dilma Rousseff. Como nos disse o jornalista Heródoto Barbeiro, essa derrota foi o “coroamento” de toda uma crise política e institucional em

28 BRASIL vendeu a Copa? Teorias se espalham pela web. *Veja* [on-line]. São Paulo, 10 jul. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/brasil-vendeu-a-copa-teorias-se-espalham-pela-web/>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

29 Frase célebre contida em SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1880.

desfavor de Rousseff, que culmina, em outubro de 2014, nas eleições mais disputadas da história recente do país.

Dessa sorte, pudemos evidenciar, por meio deste artigo, os processos de ordem sócio-histórico-ideológicos, como se dão as dinâmicas de aproximação/distanciamento entre governos e Seleção e governos, tendo escolhido esses dois momentos-chave de nossa história. Conseguimos verificar que não se tratou necessariamente de uma estratégia utilizada pelos dois governos considerados como forma de promoção pessoal e política, o que se deveu, entre outros fatores, ao próprio perfil político dos presidentes respectivos, assim como ao grau de proximidade que eles tinham com os cartolas do futebol nacional. Ademais, conseguimos demonstrar que as Seleções nesses dois momentos se contrapõem em termos de valores sócio ideológicos.

Assim, nossa pesquisa revelou-se profícua, pois que destacou as formas pelas quais o futebol nacional e a Seleção, longe de constituírem elementos banais do campo esportivo, mantêm, a depender do momento histórico considerado, estreitas relações com o poder ao funcionarem como, conforme Lage, alavancas de marketing. Além disso, evidenciamos que o valor identitário do nosso futebol é um *processo* sujeito a confluências, ressignificações, crises e que a Copa de 2014 simboliza isso de maneira assaz particular.

Ela é ícone de uma crise no futebol (enquanto política esportiva e identidade nacional) que ou antecipa ou conflui com outras, políticas, sociais ou econômicas e, por isso mesmo, constitui um período importante de análise das contradições sociais do Brasil, nas quais está inserido, logicamente, as representações em torno do futebol e da Seleção.

Em suma, cremos que o estudo do futebol, seja pela perspectiva histórica, seja pela perspectiva das representações sociais e da memória coletiva, fornece condições para explicar nossa própria sociedade. O estudo das Copas do Mundo de 1970 e de 1970, como vimos, são exemplos claros disso, e seu estudo possibilita não o ser da sociedade brasileira, mas justamente suas transformações e dinâmicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo de. *À sombra do poder: os bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff*. Edição Kindle. São Paulo: LeYa, 2016.

ANDRADE, Rodrigo. A república dos 7 x1: da Copa do Mundo ao impeachment. *Blog do Juca*, 2 mai. 2016. Disponível em: <<https://blogdojuca.uol.com.br/2016/05/a-republica-dos-7-x-1-da-copa-do-mundo-ao-impeachment/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BOFF, Leonardo. Deslumbramento e humilhação: o jogo Brasil e Alemanha. *LeonardoBOFF.com*, 10 jul. 2017. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/07/10/deslumbramento-e-humilhacao-o-jogo-brasil-e-alemanha/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, jan-jul 2011, pp. 193-216. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n5/a08n5.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A construção política do Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

CHAIM, Anibal Renan Martinot. *A bola e o chumno*: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira. Dissertação de mestrado, versão corrigida. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02042014-095412/pt-br.php>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ENTREATOS. Direção: João Moreira Salles. Produção: VFilmes. Brasil, 2004, 2 DVDs.

GUTTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. *Proj. História*, São Paulo, dez. 2004, vol. 29, tomo 1, p. 267-279. Disponível em: < http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/220903_Guterman_-_Medici_e_o_futebol.pdf>. Acesso em 10 fev. 2018.

_____. *O futebol explica o Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEVINE, Robert. "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, José Carlos Sebe (org.). *Futebol e cultura*: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.

MASCARENHAS, Fernando; SANTOS, Mariângela Ribeiro dos; SILVA, Silvio Ricardo da. Lulismo e futebol: os discursos de um torcedor presidente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, abr-jun 2014, p. 495-517. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/41837>>. Acesso em: 9 fev. 2018.

OPOSIÇÃO usa derrota do Brasil na Copa para criticar Dilma. *Carta Capital* [online]. São Paulo, 9 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/carta-nas-eleicoes/oposicao-usa-derrota-do-brasil-para-criticar-dilma-1453.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PERRIN, Fernanda. Derrota por 7x1 na Copa influenciou nas eleições, dizem pesquisadores. *Folha de S. Paulo* [on-line], São Paulo, 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1868028-derrota-por-7x1-na-copa-influenciou-no-impeachment-dizem-pesquisadores.shtml>> . Acesso em: 15 mar. 2018.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo*: reforma gradual e pacto conservador. Edition Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos de sociologia compreensiva, vol. 2. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

SOBRE O ORGANIZADOR

EDWALDO COSTA - Pós-Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Departamento de Jornalismo e Editoração (2019). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2014. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília (2008) e especialista em Informática na Educação (2006), pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Coordenou o curso de Especialização em “Inteligência Estratégica”, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra em Mato Grosso (ADESG-MT) e também supervisionou projetos de pesquisa e extensão com apoio da FAPEMIG e CAPES. Foi professor orientador (bolsista CAPES) de Trabalho de Conclusão de Curso na Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE), desenvolvido pelo Departamento de Educação Especial da FFC/UNESP/Marília-SP, em parceria com a SEESP/MEC e UAB (Universidade Aberta do Brasil). Na prática profissional, trabalhou em órgãos de imprensa nacional e internacional. Entre as principais coberturas jornalísticas estão: a Copa das Confederações (2013); a Copa do Mundo (2014); a Operação Acolhida (2019) e a Inauguração da Estação Antártica Comandante Ferraz (2020). Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e cursa o segundo pós-doutorado na Daphne Cockwell School of Nursing – Ryerson University – Canadá, além de atuar como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem diacrônica 78

Análise do discurso 29, 30, 41, 53, 55, 59, 60, 66, 76, 95, 107, 108, 109, 125, 144, 154

C

Ciências da comunicação 15

Cinema 32, 110, 111, 112, 113, 116, 117

Comunicação 1, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 33, 34, 43, 44, 45, 47, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 67, 68, 70, 76, 77, 79, 80, 94, 110, 111, 112, 113, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 143, 145, 146, 148, 150, 152, 159, 165, 188

Construção da imagem 14, 68, 69, 70

Construção da imagem da mulher 68, 69, 70

Copa do Mundo de 1970 166

Copa do Mundo de 2014 166, 167, 176, 181

Corpo feminino 53, 55, 85, 86, 88, 90, 91, 93

Covid-19 69

D

Desigualdade 68, 69, 71, 72, 76, 96, 108, 117, 118

Discurso machista 78, 80, 82, 93

Discurso publicitário 29, 35, 39, 78

E

Economia 41, 69, 76, 77, 96, 100, 108, 109, 110, 111, 112, 161, 168, 176, 177, 178, 180, 181, 187

F

Futebol 111, 133, 134, 136, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

G

G1 69, 70, 71, 76, 77, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 178

I

Ideologia 36, 38, 39, 70, 77, 102, 103, 104, 107, 111, 116, 117, 118, 122, 165, 173, 177

Imagem 1, 4, 6, 7, 8, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 105, 107, 123, 167, 169,

170, 171, 178, 182, 184

Impactos culturais 110

Informação 18, 19, 23, 55, 82, 83, 85, 128, 134, 136, 137, 138, 152, 158, 161, 163

J

Jornalismo 94, 127, 128, 129, 132, 133, 136, 138, 140, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 188

M

Materialidade 29, 31, 34, 35, 37, 101, 103, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125

Materialidade discursiva 101, 114, 115, 117, 122

Mídia 8, 13, 31, 34, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 76, 80, 82, 114, 119, 128, 129, 130, 132, 133, 136, 138, 140, 157

Midiatização 59, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Moda feminina 78, 80, 82, 93

Mulher 12, 29, 31, 32, 34, 54, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 99, 105, 106, 107

Música popular brasileira nos anos 1930 114

P

Pandemia 30, 32, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Podcast 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77

Poder 5, 7, 12, 34, 36, 37, 43, 49, 54, 60, 61, 66, 70, 72, 76, 82, 95, 97, 98, 99, 108, 111, 113, 115, 116, 133, 138, 145, 146, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 175, 176, 181, 183, 186, 187

Portal G1 127, 129, 132, 133, 134, 138, 178

Procedimentos semânticos 141, 142, 148, 152, 153

Publicidade 1, 2, 3, 11, 13, 14, 33, 38, 56, 61, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 113, 153

Publicidade digital 1, 2, 3

Publicidade e propaganda 113

R

Rádio 30, 38, 69, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 176

Redes sociais 17, 21, 30, 32, 33, 34, 38, 40, 43, 44, 46, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 97, 101, 107, 112, 136, 137, 150, 151

Representação visual 1

Representações 4, 8, 9, 10, 11, 40, 44, 60, 61, 77, 78, 79, 83, 98, 104, 116, 121, 122, 186

S

Seleção brasileira de futebol 165, 166, 167, 184

Sociedade brasileira 31, 110, 166, 167, 169, 186

T

Televisão 110, 111, 112, 113, 158, 161, 170, 172

Terrorismo em Paris 127, 129, 132, 133, 138

Topografia da cultura 114

Tradução e jornalismo 155, 163

U

UOL 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 113, 166, 176, 177, 181, 182, 183, 186, 187

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 